

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Laura Rodrigues da Silva¹

Universidade Estadual de Goiás

Nismária Alves David²

Universidade Estadual de Goiás

RESUMO

O ensino da literatura na escola tem sido marcado pela prática pedagógica da historiografia da literatura brasileira. Como consequência disso, geralmente, os textos literários, quando são ofertados, surgem apenas como artefato comprobatório das características que sobressaem em dado período literário. Neste artigo, entendemos a necessidade de distinção entre a leitura literária e o ensino da literatura. Destacamos o papel do professor na escolha do que se ensina e de como se ensina a literatura para a humanização. Apresentamos perspectivas metodológicas para o trabalho com o texto literário em sala de aula, a partir de uma leitura interpretativa do *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira. Relatamos as oficinas de leitura realizadas com uma turma 8º Ano de Ensino Fundamental, na Cidade de Goiás-GO, as quais nos possibilitaram constatar que os alunos se sentiram motivados ao desenvolvimento da consciência crítica e da competência leitora.

Palavras-chave: literatura, ensino, leitura.

METHODOLOGICAL PERSPECTIVES FOR WORKING WITH THE LITERARY TEXT IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

The teaching of literature in school has been marked by the pedagogical practice of the historiography of Brazilian literature. As a consequence, literary texts, when they are offered, generally appear only as an evidential artifact of the characteristics that stand out in a literary period. In this paper, we understand the need to distinguish between reading literature and teaching literature. We show the role of the teacher in the choice of what is taught and how literature is taught for humanization. We present methodological perspectives for the work with the literary text in the classroom, based on an interpretative reading of *Poema tirado de uma notícia de jornal* by Manuel Bandeira. We report the reading workshops which were conducted with an 8th Grade Elementary School class in the Cidade de Goiás-GO. With the workshops, the students were motivated to develop their critical awareness and reading competence.

KEYWORDS: literature, teaching, reading.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Universidade Estadual de Goiás (UEG)

² Doutora em Letras e Linguística (2010) pela Universidade Federal de Goiás e Pós-Doutora em Estudos Culturais (2015) pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, Campus Pires do Rio, e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI).

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA EL TRABAJO CON EL TEXTO LITERARIO EN EL AULA

RESUMEN

La enseñanza de la literatura en la escuela ha sido marcada por la práctica pedagógica de la historiografía de la literatura brasileña. Como consecuencia de ello, generalmente, los textos literarios, cuando son ofrecidos, surgen apenas como artefacto comprobatorio de las características que sobresalen en determinado período literario. En este artículo, entendemos la necesidad de distinguir entre la lectura de la literatura y la enseñanza de la literatura. Hemos expuesto sobre el papel del profesor en la elección de lo que se enseña y de cómo se enseña la literatura para la humanización. Presentamos perspectivas metodológicas para el trabajo con el texto literario en el aula, a partir de una lectura interpretativa del *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira. Reportamos las actividades de lectura con una clase 8º año de Enseñanza Fundamental, en Cidade de Goiás-GO. Con las actividades, los estudiantes se sintieron motivados para desarrollar su conciencia crítica y competencia lectora.

PALABRAS CLAVE: literatura, enseñanza, lectura.

Introdução

Pensar a Literatura como matéria sobre a qual se aborda é algo que, tradicionalmente, está relacionado ao que se acredita ser o estudo e o ensino das grandes obras do acervo canônico. No Brasil, desde o século XIX, com os primeiros historiadores do Romantismo e com o propósito de construção da identidade nacional por meio da valorização da língua e da cultura, o ensino de literatura apoia-se na historiografia literária, por meio de um viés cronológico e enciclopedista dos períodos literários, nos quais se destacam os principais autores e suas obras mais relevantes. Disso, resulta a chamada canonização e suas muitas exclusões e, por que não dizer, injustiças, visto que os critérios de valor são mutáveis.

Diante dessa prática pedagógica vigente, faz-se necessário compreender que há distinção entre a leitura literária e o ensino da literatura. Ivanilda Silva (2015, p. 520) salienta que, na verdade, tanto a leitura quanto o ensino “estão imbricados, na medida em que ao experimentar o texto, por meio da leitura literária, o aluno também deveria ser instrumentalizado, a fim de reconhecer a literatura como objeto esteticamente organizado”.

Na escola, cabe ao professor a tarefa de proporcionar a conciliação da fruição da leitura literária ao estudo literário.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 36-7), há a seguinte assertiva sobre a importância do texto literário em sala de aula:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (BRASIL, 1998, p. 36-37)

A maioria dos professores, especialmente os que atuam no Ensino Médio, vem incorrendo no erro crasso de associar os estudos literários apenas ao mero estudo da biografia dos autores ou ao enquadramento estilístico de obras. Rildo Cosson (2006) aborda sobre essa prática errônea e sua recorrência no meio escolar. Segundo o autor, o ensino da literatura frequentemente se resume à crença de que esta se limita à literatura brasileira ou à história da literatura brasileira, sendo apresentada aos alunos de forma fragmentária.

Desse modo, os textos literários, quando são ofertados, surgem como pequenos trechos pinçados aqui e acolá, servindo apenas como artefato comprobatório das características que sobressaem em dado período literário estudado durante a aula. Muitas vezes, sobretudo, a historiografia literária ainda é empregada servindo ao papel de memorização. Assim, vemos a literatura

[...] na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. (COSSON, 2006, p. 21)

Ao contrário disso, a obra literária deve ser estudada para além desses ditames limitadores. Antonio Candido (2004, p.174; 175), em *O direito à literatura*, entende a literatura “como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, defendendo-a como um bem fundamental para o ser humano, ou seja, “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”.

Acerca da humanização, Candido (2004, p. 180) expõe:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais; como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Nessa perspectiva, a literatura concede-nos a possibilidade de nos libertar do caos do mundo, resgatando nossos valores mais elementares e, se satisfeita essa necessidade, pode nos tornar mais humanos. Entretanto, a humanização só se dá na medida em que a literatura é lida e estudada em sua totalidade, de modo integral. Assim, ler um pequeno fragmento de *Hamlet* não nos torna conhecedores da obra de Shakespeare, muito menos nos permite a compreensão dos profundos dramas da existência humana que perpassam sua obra.

Eis a questão que se apresenta a nós: como estudar a literatura e qual sua função dentro de uma proposta de ensino? Concordamos com a visão humanizadora da literatura apresentada por Candido (2004) e, por essa razão, buscamos com este artigo, esboçar uma possibilidade para o estudo da literatura em sala de aula, que contemple a leitura do texto literário na íntegra, buscando compreendê-lo, de forma pormenorizada, nas entrelinhas. Trata-se de uma proposta que intenta promover, além do estudo literário, a leitura prazerosa da literatura: trabalhar a leitura literária na escola como uma vivência humana para o mundo.

Para além da sala de aula: a literatura como vivência humana

Levando em conta, ainda uma vez, Antonio Candido (2004, p.169), a literatura concebida no sentido amplo é aquela que corresponde a uma necessidade universal, ao mesmo tempo pessoal e que precisa ser satisfeita, pois se constitui um direito humano. Para o autor, a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 175). Relaciona-se a isso, a nosso ver, a proposição de Mia Couto (2008, p.05) quando diz que “nós, todos nós, queremos desarmadilhar o mundo;

queremos que o mundo seja mais nosso, mais solidário” e o primeiro passo para desarmar o caos do mundo seria começarmos pelas “armadilhas de dentro”, aquelas que moram em nós. Para Cosson (2006, p. 17), por sua vez, “a experiência da literatura não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.

Como notamos, há muitas tentativas de se definir o que é a literatura e de entender sua importância para ser ensinada em sala de aula. Nenhuma dessas tentativas de definição pode ser tomada de forma objetiva, visto que são essencialmente subjetivas e pautadas em experimentações. No entanto, devemos destacar que a literatura tem um papel a desempenhar junto à educação.

Como fruto de vivências humanas, a literatura carece de ser lida e estudada em seu cerne, em conformidade com seu contexto histórico numa relação texto-contexto/autor-leitor. Em sala de aula, deveria ser explorada mediante uma leitura multifacetada e dialógica, por meio de intertextos. Ainda assim, muitos insistem em fixar o texto literário em formas e gêneros estanques. Para estes, o texto literário seria apenas a matéria ficcional, já o texto não literário seria aquele que versa sobre o fato. Uma linha tênue, porém, separa ambas as definições, uma vez que um texto factual pode vir a se converter em ficção, isto é, tornar-se escrita imaginativa nas mãos de um literato.

Terry Eagleton (2006, p.3) comenta justamente sobre a impossibilidade de se fazer uma secção entre aquilo que é fato daquilo que é ficção, pois isso "implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não-criativas e destituídas de imaginação". O que seria o mesmo que desmerecer o valor estético e também histórico dos romances metaficcionais. Nestes, diferentemente do que acontece nos romances realistas, há uma autorreflexão sobre o que é o fato. É como se o autor revisitasse a história da humanidade, das civilizações e suas culturas, promovendo uma problematização dos fatos concebidos como verdadeiros.

Nessa direção, o teórico supracitado nos oferece uma concepção de literatura como uma espécie de linguagem autorreferencial. A literatura passa a ser vista sob outra abordagem na qual os formalistas russos propõem que não seja considerada apenas como ficcional ou imaginativa, mas sim por meio das peculiaridades de sua linguagem. Para esses teóricos, mais

importante que o conceito de literatura é definir a literariedade daquilo que se lê, desvendando os usos especiais da linguagem em si.

Em acréscimo a isso, especificamente, voltamos às ideias Candido (2004) que, além de considerar os componentes internos do texto literário, dá atenção aos elementos externos do contexto histórico-social. Um bom exemplo disso pode ser encontrado na produção literária de um dos escritores modernistas, Manuel Bandeira, com seu *Poema tirado de uma notícia de jornal*. De fato, a escolha de um autor já indica o recorte da produção literária da época em estudo, que é o Modernismo brasileiro.

Neste poema, Manuel Bandeira lança mão do que poderia ser uma notícia corriqueira de jornal, que, por si só, não se enquadraria entre aquilo que, convencionalmente, diz-se de texto literário. Apropria-se do estilo de um discurso jornalístico – por seu caráter informativo e objetivo – materializando-o em versos, em discurso literário.

Foi publicado em 1930 no livro *Libertinagem*, dentre um conjunto de 38 poemas que versam sobre a vida cotidiana, o país e o fazer poético. O próprio título do texto em análise nos sugere que este tenha um fato cotidiano como ponto de partida para sua criação. Trata-se da notícia de um possível suicídio noticiado em meio de comunicação. Ironicamente, esta notícia tirada de um jornal serviu para a produção do texto literário e cuja leitura abre um leque de diversas interpretações.

Para que façamos uma leitura interpretativa dos versos, pode-se evocar o que Umberto Eco (1994, p.15) designa como leitor-modelo, "uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar". Seria aquele leitor capaz de cooperar com a construção dos sentidos do texto. Adentramos no *Poema tirado de uma notícia de jornal*, com o propósito de fazer com que os alunos depreendessem todas as pistas deixadas pelo texto. E, a seguir, descrevemos a proposta de oficinas de leitura que foi realizada a partir da análise deste poema em sala de aula.

Leitura interpretativa e oficinas de leitura

“A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-lo”. (OLIVEIRA, 2010, p.41). Esse excerto foi extraído do texto *O professor como mediador das leituras literárias*, da professora Ana Arlinda de Oliveira, e servir-nos-emos deste para apresentarmos a nossa discussão acerca da atividade de leitura interpretativa como prática pedagógica.

A literatura pode mediar as práticas de ensino da escola e promover o prazer da leitura. Conforme Antoine Compagnon (2009, p. 31), "de Horácio a Quintiliano e ao Classicismo francês, a resposta será a mesma: a literatura instrui deleitando". Contudo, devemos salientar o fato de que, mesmo sendo uma prática prazerosa, as leituras mediadas pelo professor nem sempre contribuem para a formação de leitores competentes.

Essa afirmação pode causar certo mal-estar em muitos professores de literatura. Como mediadores da leitura e, na maioria dos casos, iniciadores dessa prática, alguns professores também não desenvolvem leituras prazerosas. Lê-se muito na profissão docente, com toda a certeza, mas, nem sempre o professor se dá o direito de ler para simples entretenimento e deleite pessoal. Isto acontece porque, muitas vezes, os professores não são leitores, mas sim “ledores” em sala de aula. Para Cosson (2006), todavia, a escolarização da literatura deve estar centrada na formação de leitores ao invés de ledores.

Entendemos o ato de ler como o ato desempenhado por aquele que decifra, compreende e interpreta para o mundo, pois nenhuma leitura deve ser vista como uma atividade e/ou um ato estático; deve, sim, ser enxergada através de diversos ângulos, como algo instigante e carregado de significação. Assim sendo, apresentamos uma leitura interpretativa do poema de Manuel Bandeira que foi feita em sala de aula, a fim de abrirmos o diálogo entre texto-contexto/autor-leitor e decifrarmos seus possíveis significados. Esta proposta de atividades teve por objetivos o deleite e a reflexão dos alunos que empreenderam em tal tarefa. Vejamos o poema:

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL



João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num
[barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(BANDEIRA, 2009, p. 136)

Num primeiro momento de leitura, todos os elementos dos versos de Bandeira são dispostos de modo a levar o leitor à constatação de uma possível crise existencial sofrida por João Gostoso. Aliás, a escolha deste nome só reforça ainda mais a ideia da não relevância deste indivíduo, visto que João é um nome comum e, neste contexto específico, remete-nos à ideia metafórica de um "João Ninguém". Assim, sem uma identidade legitimada pelo sobrenome, recai sobre o adjetivo "Gostoso" a responsabilidade de definição daquele homem. Porém, esse adjetivo/alcunha acaba por emprestar ao seu nome prototípico uma espécie de sensualidade ambígua. Ambiguidade esta que se verifica por não podermos determinar com exatidão que o adjetivo gostoso venha do fato de ele (João) apresentar um corpo hercúleo, ou por vender frutas saborosas na feira livre.

Nota-se também que o fato de João trabalhar como carregador em uma feira reforça a ideia da falta de referências, pois este não é um trabalho fixo, ou seja, algo em que ele possa se apoiar. Essa falta de referências, de bases concretas, também pode ser observada no trecho em que é mencionado que morava em um barracão (que não chega a ter a estabilidade e segurança de uma casa) e sem número (que pode ser relacionado com a falta de identidade), localizado no morro da Babilônia.

Trata-se de uma favela carioca, cuja ocupação se intensificou a partir de 1930, ano em que o poema foi publicado. Sem discutir a versão de origem do nome do morro, a de semelhança com uma das Sete Maravilhas do Mundo, Os Jardins Suspensos da Babilônia, outro fato interessante é a possibilidade de estabelecermos a leitura de cunho intertextual, de retomada do texto bíblico. Segundo *A Bíblia Sagrada* (1996), Babilônia era uma cidade muito antiga e próspera, situada na região que hoje corresponde ao atual Iraque. Era um

poderoso centro comercial e cultural que se tornara a capital de um império. O imperador babilônico Nabucodonosor invadiu o reino de Judá, que ficou debaixo de seu poder. Quando Judá se rebelou, Nabucodonosor atacou o país novamente, destruiu Jerusalém e deportou o povo para a Babilônia (2 Reis 25.8-11). Assim, nas escrituras sagradas, Babilônia representa cativo, sofrimento, angústia e prostituição. Considerando essas informações, o topônimo "morro da Babilônia" pode ser um reflexo tanto da condição econômica quanto da condição psicológica deste indivíduo que sofre uma crise a qual culmina com sua morte.

A profusão de verbos e a falta de sinais de pontuação dão uma ideia de movimento, dinamismo, como se as ações fossem momentâneas e ininterruptas. Os verbos beber/cantar/dançar representam uma gradação que, inicialmente, seria a de uma festividade para uma transposição ritualística como uma espécie de descida para a morte de João Gostoso – ritual este que se inicia no bar "Vinte de Novembro".

Em sala de aula, podem ser exploradas todas essas pistas que sinalizam e abrem possibilidades de interpretações. Observar todas as brechas que o autor deixa para que o leitor penetre em seu *Poema tirado de notícia de uma notícia de jornal*. A escolha do nome tão sugestivo para designar o bar serve para lembrar que o dia 20 de novembro é a data da morte de Zumbi dos Palmares, ocorrida em 1695 e que, posteriormente, a partir de 2011, passou a ser comemorada como o Dia da Consciência Negra. Logo, inferimos que João Gostoso se trata de um indivíduo afrodescendente e abrimos a possibilidade de debate para partilhar o conhecimento de mundo dos alunos.

Como diria Candido (2004) sobre a importância do código para a mensagem, a escolha e o arranjo das palavras garantem o seu efeito no poema de Manuel Bandeira. O texto que parecia ser um discurso jornalístico explora a sonoridade na combinação dos versos, conferindo a cadência do ritmo. A mudança da ação de João Gostoso provoca a surpresa do desenlace. Assim, o poeta torna o banal em um acontecimento surpreendente que choca o leitor e, ao mesmo tempo, proporciona sua humanização, coloca-o em contato com o desprazer das dores, por meio das imagens evocadas do suicídio e da morte.

Bandeira apresenta-se como um lúcido observador da realidade, colocando o pobre como tema literário de seu poema. Em seus versos, narra resumidamente o cotidiano (mas é como se narrasse a vida inteira) de João Gostoso. Este seria um trabalhador honesto dado ao vício da bebida? Mais importante que isso, o poeta expõe uma visão social, oferece a denúncia da miséria e da marginalização.

O crítico literário Davi Arrigucci Júnior (1983) realiza um importante estudo sobre a obra de Manuel Bandeira e dedica sua atenção a este poema, expondo João Gostoso como aquele que representa o “complexo destino humano, ferido pelo trágico, velado pelo anonimato da banalidade cotidiana” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1983, p. 117). O lugar de destaque conferido ao humilde cotidiano possibilita, “então, no modo de ser mais íntimo da linguagem poética, no coração da lírica, que o social [surja] como uma dimensão decisiva: a relação com a pobreza passa ser um fator interno da estruturação com a obra.” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1990, p. 113).

O uso linguístico adotado por Manuel Bandeira é bastante familiar ao aluno. Isso facilita relacionar o poema com a contemporaneidade e, assim, possibilita olhar a realidade de modo crítico, ter sua consciência despertada. Para Candido (2004), nossa época é marcada pela barbárie. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175). João Gostoso é um desvalido, afetado por problemas materiais, pela desigualdade social e pela irracionalidade do comportamento.

Essa leitura interpretativa é parte de um plano metodológico para as oficinas de leitura, realizadas em uma sala de aula da rede particular de ensino na Cidade de Goiás (GO). Embora saibamos que a escola pública, sobretudo, tenha a carência de uma nova abordagem de ensino de literatura, a escolha do 8º Ano do Ensino Fundamental, do Colégio Alternativo (COOPECIGO), que é uma escola privada, ocorreu devido ao fato de que uma das autoras deste texto atua como professora da turma. Por isso, aproveitou-se o vínculo afetivo preexistente entre professora e alunos, facilitador da condução do processo de ensino-

aprendizagem. Todavia, essa proposta poderia (e pode) ser testada e aplicada em outras escolas, especialmente, da rede pública.

Fundada em 1988, por um grupo, na sua maioria, constituído de pais, a COOPECIGO (Cooperativa de Ensino da Cidade de Goiás) tem a Escola Letras de Alfenim sob sua responsabilidade, além do Colégio Alternativo. Por meio da pedagogia dos projetos, esta instituição de ensino busca priorizar a educação em sintonia com a realidade, com vistas à formação da consciência crítica dos alunos, promovendo eventos culturais e científicos, tais como Semana de Artes e Feira de Ciências, sempre com a participação da comunidade. Esses motivos também justificam a escolha deste espaço escolar para a aplicação da proposta em foco.

Passamos a detalhar a metodologia empregada para a execução das oficinas. Notadamente, adotou-se uma perspectiva interdisciplinar, contemplando, em especial, conteúdos de literatura e de produção de textos. O quadro a seguir traz informações sobre o que foi desenvolvido durante as oficinas, as quais corresponderam à carga de (06) seis aulas de 50 (cinquenta) minutos cada uma, distribuídas ao longo de uma semana, e dedicaram a abordar temas e linguagens, tendo como ponto de partida a reflexão sobre o poema de Manuel Bandeira.

Quadro 1 - Oficinas de leitura

Turma: 8º ano (Ensino Fundamental)	
Colégio: Alternativo (COOPECIGO)	Carga-horária: 06 aulas
Professora: Laura Rodrigues da Silva	
OFICINAS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
Oficina 1:	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Discussão sobre gêneros literários híbridos. ➤ Leitura do <i>Poema tirado de uma notícia de jornal</i>, de Manuel Bandeira e reflexão sobre sua mensagem.
Oficina 2:	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura de texto analítico-dissertativo produzido sobre o poema.
Oficina 3:	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Seleção e leitura de notícias para produção escrita de poemas motivados por Manuel Bandeira.



Oficina 4:	➤ Leitura compartilhada dos poemas criados pelos alunos.
Oficina 5:	➤ Produção de Banco de Textos conforme a matéria utilizada para produção dos poemas.
Oficina 6:	➤ Exposição Poética para a escola.

Como se observa no quadro, em cada uma das oficinas, foram adotados certos procedimentos metodológicos. Na Oficina 1, foi feita uma sensibilização dos alunos para o texto poético a ser trabalhado durante aquela semana. Nesse sentido, buscamos trabalhar, primeiramente, a difícil tarefa de se delimitar as fronteiras entre os gêneros literários e destacar a crescente utilização de gêneros híbridos, aqueles que mesclam traços de outros gêneros em suas estruturas. O poema de Bandeira, por exemplo, apresenta características que permitem relacioná-lo à crônica, lembrando o jornal. Isso porque sua poesia promove, conforme Arrigucci Júnior (1990, p. 92):

[...] uma quebra de convenções mais amplas da literatura, como a dos gêneros, uma vez que trazia para o universo da lírica, reino da subjetividade, o mandamento da objetividade épica, determinando, pela nova relação entre sujeito e objeto, mudanças da zona de percepção de valores, da forma de apresentação no que diz respeito ao público; [...]

Projetou-se o poema no quadro para que os alunos fizessem uma leitura silenciosa. Depois disso, foi solicitado a um dos alunos que lesse o texto em voz alta para a turma. O aluno escolhido titubeou antes de iniciar. Quando interrogado sobre o motivo, respondeu com outra pergunta: Por que o autor havia escrito daquela maneira, “tipo, meio fora do alinhamento e com um verbo em cada linha”; “Aquilo era mesmo um poema, porque parecia mais que estava era contando uma história sobre alguém?”. Isso oportunizou trabalhar na perspectiva dos gêneros híbridos, pois, antes mesmo da leitura, os alunos já haviam observado a novidade daquele poema.

Naquele momento, também foi possível constatar que os alunos não se sentem motivados às leituras de textos literários justamente por confundirem o ensino da literatura com a leitura literária. Foi pedido ao aluno que tivesse um pouco de concentração e fizesse a leitura, após a qual se seguiu um debate. Nenhum dos alunos que estavam presentes naquela aula já havia lido o poema e isso tornou a leitura e a reflexão ainda mais instigantes. Diversas suposições foram levantadas sobre João Gostoso. Como atividade de produção textual, cada aluno sistematizou as hipóteses e os argumentos apontados em sala de aula na forma de texto analítico-dissertativo.

Na Oficina 2, realizou-se a leitura compartilhada dos textos produzidos pelos alunos. Obteve-se uma diversidade de produções escritas, confirmando o quanto a experiência foi significativa, pois os alunos puderam demonstrar a compreensão do assunto, desenvolver argumentos e expressar suas opiniões críticas sobre a realidade. Na Oficina 3, o suporte jornal foi trazido para a sala de aula. Com isso, os alunos tiveram a oportunidade de selecionar notícias veiculadas, a fim de produzirem poemas, sendo motivados ao diálogo intertextual com o poema de Manuel Bandeira.

Na Oficina 4, os alunos tiveram a oportunidade de ler os poemas que produziram na oficina anterior e de tecer comentários sobre o material lido. Já na Oficina 5, fez-se a produção de um Banco de Textos, recorrendo às matérias de jornal selecionadas e aos textos produzidos em sala de aula. Por último, na Oficina 6, com o propósito de socializar o resultado final das atividades para a comunidade escolar, realizou-se uma Exposição Poética, que consistiu na organização de um mural com os poemas produzidos pelos alunos. Não deixar que o resultado fique restrito às paredes da sala de aula, levando ao conhecimento de todos da escola, sem dúvida, é uma forma de valorizar o trabalho desenvolvido pelos alunos que os estimula a terem sempre uma participação ativa.

A partir da realização dessas oficinas de leitura, foi possível perceber a necessidade de os professores incentivarem devidamente os alunos ao deleite da leitura (especialmente) literária em sala de aula. De modo equivocado, por receio de tornar a aula enfadonha e, sobretudo, por acreditar que não se consegue cumprir determinada carga horária e conteúdos

curriculares obrigatórios, vários professores de literatura recomendam as leituras aos alunos como atividade extraclasse. Contudo, isso faz com que os alunos se afastem ou acabem por deixar de lado a atividade de ler.

A leitura literária em sala de aula permite ao professor instigar os alunos na busca por pistas interpretativas e também para que eles acionem mecanismos variados no processo de decodificação do texto. O desenvolvimento da habilidade de leitura de poemas, como o de Manuel Bandeira, em sala de aula, oferece inúmeras possibilidades, não devendo se restringir à historiografia literária, pois permite refletir sobre a realidade, as questões sociais, as relações entre texto literário e texto não literário, e discutir temas importantes como, por exemplo, cidadania. Relacionar a forma ao conteúdo, destacar os traços do estilo particular de Manuel Bandeira e o contexto histórico-cultural do Modernismo corroboram para a construção dos sentidos pelo aluno, tornando-o um leitor competente e que, de fato, cultiva a prática de leitura.

Considerações Finais

Neste texto, apresentamos algumas reflexões sobre a leitura literária e o ensino de literatura, e relatamos os resultados obtidos a partir da atividade de leitura interpretativa do *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira, que norteou a proposta de oficinas de leitura aqui relatadas. Constatamos que a presença do texto literário em sala de aula deve ser para a formação de leitores conscientes da função política e social da literatura.

Por isso, lembramos de que a literatura, para Candido (2004), tem a ver com a luta pelos direitos humanos, “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p. 191). O texto literário precisa ser efetivamente lido em sala de aula e, assim, se tenha a vivência desse universo por parte do aluno, não se restringindo ao livro didático.



Na formação do leitor, não se pode conceber o texto como pronto e acabado. No entanto, deve-se levar o aluno a ser tornar um leitor crítico e que vá além da superfície textual. Como no caso do poema de Manuel Bandeira que significou um modo de ruptura de uma tradição, o aluno precisa ser preparado para ver o texto literário como um discurso, reconhecer seus elementos internos pautados na ironia e seus efeitos, na seleção das palavras, na construção das imagens, e nos elementos externos da denúncia social. Assim, adotar uma postura dialética, como diria Candido (2004), que reconhece elementos do período literário e do contexto histórico-social, buscando as relações que o texto literário estabelece com o universal.

Esperamos, por fim, que este trabalho colabore para se discutir a função da literatura e sua prática de ensino. Façamos nós, professores, a nossa parte: deixemos nossos alunos adentrarem o bosque metafórico da leitura literária e que esta seja libertária antes de tudo. Para que ocorra tal emancipação, é preciso que haja a compreensão das mais diversas linguagens, expressões e formas simbólicas, configuradas por palavras e imagens, e, dessa maneira, os alunos-leitores desempenhem um papel ativo nas práticas de leitura e estudo da literatura. Afinal, a literatura é um bem que não pode e não deve ser suprimido das atividades de sala de aula.

Referências

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **O humilde cotidiano de Manuel Bandeira**. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.106-122.

_____. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 136.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada:** Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em 30 jun. 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

COLÉGIO ALTERNATIVO COOPECIGO. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.coopecigo.com.br/sobre>>. Acesso em 20 abr. 2018.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTO, Mia. Quebrando as armadilhas da opressão do mundo. In: **Revista da Associação de Leitura do Brasil**. Ano 26, n. 50, jun. 2008. Campinas, SP: Global, 2008, p. 05-11.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. Entrando no Bosque. In: **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias**. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.) *Literatura: ensino fundamental* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, Ivanilda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar**. V - Melhores Teses e Dissertações. *Anais do Evento PG Letras 30 Anos*. Vol. I (1), 2015, p. 514-527. Disponível em: <<https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf>> Acesso em 30 jun. 2017.